

TERRITÓRIO URBANO E MEMÓRIA COLETIVA –
AS LAVANDEIRAS COMUNITÁRIAS DE SALVADOR
E O CASO DO ALTO DAS POMBAS

Francisco Antônio Zorzo¹⁹⁸
Leda Maria Fonseca Bazzo¹⁹⁹
Lucian Conceição de Alcântara²⁰⁰

Artigo recebido em: setembro/2015

Artigo aceito em: outubro/2015

Resumo:

Este artigo é o resultado de pesquisa que está sendo desenvolvida numa lavanderia pública estadual de Salvador. A pesquisa foi feita através de observação direta das atividades que se realizam na lavanderia Nossa Senhora de Fátima, localizada no bairro do Alto das Pombas. Através de entrevistas e documentos, travou-se conhecimento com a cultura e a memória das lavadeiras que atuam no local. Um dos principais resultados da pesquisa, além do levantamento de dados sobre o funcionamento do equipamento e da história das lavadeiras comunitárias mantidas pelo governo do Estado da Bahia, foi encontrar as formas de resistência cultural

¹⁹⁸ Francisco Antônio Zorzo é professor, doutor, lotado no IHAC/UFBA.

¹⁹⁹ Leda Maria Bazzo é professora, mestre, lotada no ICS/UFBA;

²⁰⁰ Lucian O. de Alcântara é bolsista de iniciação à pesquisa e estudante da UFBA. O endereço para acessar o currículo do professor é: <http://lattes.cnpq.br/3621093723964870>.

empreendidas pelas lavadeiras para manter o seu modo de vida e garantir o seu espaço de moradia e de trabalho.

Palavras-chave: Resumo; Espacialidades; Território; Memória e Resistência.

Abstract:

This article is the result of research being developed in a community laundry Salvador. The research was conducted through direct observation of the activities that are made in the laundry Nossa Senhora de Fátima, placed in the neighborhood named Alto das Pombas. Through interviews, it was known the culture and the memory of washerwomen working on site. One of the main results of the study, beyond to collect data on the history of laundries maintained by the state government, was find forms of cultural resistance undertaken by washerwomen to maintain their way of life and ensure your space of housing and work.

KEYWORDS: Abstract; Espacialidades; Territory; Memory e Resistance.

1. Introdução

O modo de vida das classes populares das metrópoles brasileiras tem passado por fortes mudanças a partir de meados do século XX. A cidade de Salvador tem sido particularmente sensível aos acontecimentos da industrialização e do crescimento desigual. As antigas ocupações laborais e as novas formas do mundo do trabalho caminharam em direções diferentes, fruto de processos sócio-culturais contraditórios, mas coexistentes.

Assim, parece ter surgido a profissão de lavadeira, como um prolongamento das tarefas das escravas de ganho ou escravas ganhadeiras do Brasil colonial e imperial. As precárias condições de trabalho das lavadeiras apontam indícios da continuação desse labor que era desenvolvido pelas escravas também em

outras cidades como São Paulo (DIAS, 2001). Retratadas por diversos artistas, na literatura e nas artes visuais, a imagem das lavadeiras mistura-se com a paisagem, a história e o desenvolvimento dos territórios desde o processo de urbanização e industrialização na passagem da monarquia para a república (NUNES NETO, 2005)

Este artigo, que versa sobre a cultura urbana da periferia de Salvador, resulta de um projeto de ensino, pesquisa e extensão, em andamento, realizado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), através do Programa Vizinhanças.²⁰¹ Desde 2014, professores e estudantes realizam diversos trabalhos num bairro localizado nas imediações dos campi de Ondina e Canela, o Alto das Pombas. Além de realizar o imprescindível diálogo entre universidade e sociedade, o projeto objetiva ampliar a cidadania, discutir as políticas públicas e contribuir com a produção de conhecimento sobre a história de Salvador.

O projeto de pesquisa tem como grupo focal as mulheres que trabalham na lavanderia Nossa Senhora de Fátima, do Alto das Pombas. As lavadeiras que constituem o grupo de sujeitos da pesquisa foram ouvidas em diversas circunstâncias, muitas vezes em entrevista. Na pesquisa, essas mulheres contaram suas histórias e resgataram suas tradições, recuperando a memória das lutas do bairro e do espaço de trabalho.

A lavanderia, que fica localizada no final da rua Teixeira de Mendes, no Alto das Pombas, é administrada pela Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social – SJDHDS, integrante do governo do Estado da Bahia. A secretaria é o órgão responsável pela manutenção das oito lavanderias existentes através da Coordenação de Administração das Lavanderias e dos Centros Sociais Urbanos (CSU). A lavanderia do Alto das Pombas foi criada nos anos 1950 pelo

²⁰¹ Trata-se do projeto Projeto de Extensão “Lavanderia coletiva no Alto das Pombas - memória, saúde e empoderamento” sob coordenação geral da Leda Maria Bazzo, contemplado no Edital Vizinhanças 2014, da Pró-reitoria de Extensão da UFBA.

governo do Estado, com o intuito de promover e organizar a profissão de lavadeira, através de um modelo de autogestão e prestação de serviços.²⁰²

Junto da lavanderia, funcionam ainda um posto de saúde e uma escola, mantidos pela Prefeitura de Salvador. A SJDHDS fornece estrutura física e materiais básicos para as atividades da lavanderia, como água, energia elétrica, sabão e equipamentos domésticos. Atualmente, dez lavadeiras sustentam suas famílias, sendo duas delas aposentadas, mas que continuam ativas na lavanderia e têm nesta atividade sua principal fonte de renda. No passado as lavadeiras do Alto das Pombas atingiram, segundo relatos, o número de cinquenta mulheres, que atendiam famílias de uma clientela do centro e dos bairros de classe média do seu entorno na cidade de Salvador.

2. Memória e cultura urbana

As ligações entre as diferentes conceituações da história e da memória, social, coletiva, individual merecem uma atenção redobrada. Cabe dizer, nesse sentido, que o presente artigo se dedica mais à memória coletiva do que às memórias individuais. O estudo põe a ênfase na formação do bairro e nas narrativas da atividade do grupo das lavadeiras. Percebeu-se que o grupo se pauta na utilização de uma linguagem falada, antes de qualquer texto escrito. Alguns dos sujeitos da pesquisa são lavadeiras analfabetas. Por isso, a fala é a forma fundamental para as possibilidades de armazenamento da memória de um grupo como o das lavadeiras do Alto das Pombas.

No estudo de grupos e de conjuntos urbanos, a memória é um dos meios fundamentais para abordar o problema das formações sociais e das suas transformações no tempo. Relativamente a tais questões, memória oral está ora em

²⁰² O nome dos órgãos oficiais do Estado da Bahia, mudaram recentemente (2015), a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social- SJDHDS, veio suceder a SEDES, que era responsável pela manutenção das oito lavanderias existentes e da Coordenação de Administração das Lavanderias e dos Centros Sociais Urbanos (CSU)

retraimento, ora em transbordamento (LE GOFF, 1990). Decorre daí que, num nível muito significativo, em várias entrevistas, emerge uma dificuldade de trabalhar a memória. Essa dificuldade aparece quando os relatos se repetem ou exibem lacunas. As falhas da memória não são apenas dificuldade dos indivíduos, o que envolve perturbações diversas, mas decorrem também de barreiras advindas da desigualdade social e das relações de poder dentro da sociedade. Isso também tem a ver as demandas da atualidade, que são mais apremiantes do que a recuperação do passado.

As lavadeiras do Alto das Pombas têm sido muito colaborativas no correr da pesquisa. Mas, a propósito das recordações e do esquecimento, intervém tanto o interesse como a inibição, que exercem fortes efeitos sobre a memória individual. As lavadeiras têm tido paciência em dar depoimentos, muitas vezes interrompendo suas atividades para ofertar uma informação ou relato. Fica claro, nos momentos de entrevista, que a memória coletiva foi posta em jogo de modo decisivo no correr das lutas das forças sociais, sofrendo muitas vezes a pressão de condições políticas adversas. Os esquecimentos e os silêncios da memória são reveladores desses mecanismos de agenciamento da memória coletiva. Um exemplo de pressão, levando inclusive a traumas, pode ser lembrado através das lutas ocorridas nas últimas décadas por associações de moradores dessa região de Salvador em prol da posse e uso dos terrenos (ZORZO, 1993).

Esses episódios de luta fazem parte de uma complexa e longa trama social. Há mais de um século temos visto na literatura a importância histórica das lavadeiras no cenário baiano e brasileiro. A exemplo de “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo, escrito em 1890, dos livros de Jorge Amado, “Suor” (1934) e “Capitães de Areia” (1937), a presença das lavadeiras mostra-se marcante na constituição de uma significativa memória urbana (NUNES NETO, 2005).

Tendo em conta esse laço social plasmado na literatura, no estudo dos depoimentos, segundo Le Goff (1990) é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e as demandas de uma memória escrita (ou, no caso da metodologia de pesquisa em história, que usa falas

transcritas). Por isso é importante considerar que o procedimento usado no levantamento de campo é sempre parcial, o que vem do próprio propósito de selecionar trechos do material gravado (obtido, por exemplo, por meio de questionário semi-estruturado). Esse procedimento gera um resultado parcial e, pode-se dizer, até mesmo modesto, porém o ganho é significativo para o avanço da pesquisa.

Pierre Nora explica que a memória coletiva pode ser definida como o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado (NORA, 1993). Esse autor traz um conceito que parece importante para o presente estudo, o de lugares da memória. Como se sabe, a lavagem coletiva de roupa é uma atividade que envolve a conversa permanente de um grupo de mulheres. Segundo tal condição, a lavanderia pode ser considerada um lugar da memória. Não podemos esquecer os verdadeiros lugares da cultura “onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva”. Nesse sentido, precisamos ficar atentos aos meios sociais e as comunidades de experiências históricas “de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória” (LE GOFF, 1990).

3. Lavanderias comunitárias de Salvador – trabalho coletivo e assistência social

Uma característica marcante da formação de cada lugar é a história do trabalho que ali se efetua. As cidades se configuram como espaços de produção, ou seja, formam-se através de uma teia de contatos humanos possibilitados pela ocupação dos lugares e pelo trabalho. Dessa teia produtiva decorre uma variedade de demandas e de ações que proliferam nas ruas. Dos bairros às vitrines das lojas, quase todos os objetos e atividades que se dão no meio urbano estão associados às formas de trabalho.

Isso se processa, de muitas maneiras, mas são marcantes as inter-relações entre a sociedade e o Estado. No caso de Salvador, desde os anos 1950, sob pressão

popular, o governo instituiu uma rede de lavanderias comunitárias dando aporte institucional a um modo de trabalho que era informal. Segundo o discurso do governo, as lavanderias foram construídas para higienizar o espaço público (NUNES NETO, 2005).

Dentro dessa perspectiva, podemos observar na cidade do Salvador não apenas o palco de importantes acontecimentos sociais e políticos, mas também como espaços de diversidade quase invisível do trabalho cotidiano. As lavanderias artesanais perduram até o presente, vinculando-se um setor da mão-de-obra feminina e gerando uma atividade de remuneração modesta, mas tenaz e resistente.

Para apresentar um panorama da rede de lavanderias comunitárias hoje existentes em Salvador, podem-se indicar algumas informações no quadro abaixo.

Quadro 1 - LAVANDERIAS COMUNITARIAS DE SALVADOR (2013)

NOME DA LAVANDERIA	LOCALIZAÇÃO	Nº. TRABALHADORAS ATUANTES
Lavanderia Aristides Novis	Dique do Tororó - Av. vasco da gama.	09 Lavadeiras
Lavanderia Cardeal da Silva	Rua Ana Lima Teixeira - Cosme de farias	11 Lavadeiras
Lavanderia Julieta Calmon	Rua Orlando Moscoso, s/nº - Boca do Rio.	06 Lavadeiras
Lavanderia Nossa Senhora de Fátima	Rua Teixeira de Mendes - Alto das Pombas.	10 Lavadeiras*
Lavanderia Santa Luzia	Rua Almirante Alves Câmara, 112 - Engenho velho de Brotas.	26 Lavadeiras
Lavanderia São Gonçalo	Avenida Cardeal da Silva - Engenho. Velho da federação.	04 Lavadeiras
Lavanderia Santa Teresinha	Avenida Estrela, s/nº - Alto da Teresinha (subúrbio ferroviário).	08 Lavadeiras
Lavanderia ribeiro dos santos	Rua Voluntários da Pátria, 655 - Lobato (subúrbio ferroviário).	04 Lavadeiras

Notas: 1) Fonte: Sedes – Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza (2013); 2) * - Dados atualizados pelos autores.

Conforme se nota no quadro acima, são oito as lavanderias comunitárias mantidas pelo governo do Estado da Bahia. Segundo informações documentais, a rede era formada por 22 lavanderias no século passado. As lavanderias, em sua forma atual, têm uma constituição variável, com um número de trabalhadoras que varia de 4 a 26 lavadeiras por unidade. Nesse conjunto de equipamentos, trabalham cerca de oitenta mulheres, retirando, do serviço de lavagem e passagem de roupa, o seu sustento e seu posicionamento social. A rede de suporte familiar dessas trabalhadoras, segundo depoimento dos gestores do equipamento, atinge cerca de mil pessoas que dependem direta ou indiretamente da referida fonte de renda.

A variação da ocupação de cada equipamento é decorrente da lógica de surgimento das lavanderias comunitárias em Salvador. Essa lógica obedece a algumas condições espaciais: são localizadas em bairros populares, alguns próximos do centro, como o Dique do Tororó, Cosme de Farias e o Alto das Pombas. Mas há algumas outras lavanderias mais distantes e em bairros mais recentes como, como Boca do Rio. A maior parte das lavanderias está próxima do centro, onde esse tipo de serviço de ganho é mais tradicional e reconhecido.



Figura 1 – Lavanderias Comunitárias de Salvador.
(Acima: Julieta Calmon – São Gonçalo e abaixo Aristides Novis,
vista da fachada e interior) Fotos – Lucian Alcântara (2015).

A maior das lavanderias, em termos de número de trabalhadoras, é a do Engenho Velho de Brotas. Isso se deve à capacidade de articulação da comunidade.

A lavanderia do Engenho Velho de Brotas sediou a antiga associação de lavadeiras da cidade e conquistou um lugar de respeito junto ao bairro. A lavanderia com menor número de lavadeiras é a do Engenho Velho da Federação, segundo dados da Sedes (2013), e contém em seu quadro lavadeiras idosas, remanescentes de famílias que participaram da fundação e criação das lavanderias na década de 1950.

A construção desses equipamentos assegurava os objetivos de auxiliar as lavadeiras, que anteriormente exerciam seu ofício nos locais públicos como bicas e chafarizes, além de prestar assistência à população de baixa renda sem água encanada. Assim, as lavanderias obedecem a um padrão de construção, que além dos tanques com torneira, em seqüência horizontal, contém uma cisterna ou poço, que prestava apoio à comunidade local sem acesso a água encanada.

As lavanderias, como é o caso da do Alto das Pombas, obedecem um desenho arquitetônico de três equipamentos públicos conjugados a saber: lavanderia, posto de saúde e creche. Destes a lavanderia foi o único equipamento que se manteve sob a tutela do Estado, o posto e a escola/creche foram passados para a prefeitura.²⁰³

A durabilidade e o tamanho dependem, além da coesão do grupo de trabalhadoras, da infra-estrutura oferecida pelos prédios que é desigual, segundo os dados da Secretaria SEDES (2013)²⁰⁴, o que afeta a “demanda favorável à prestação de serviço”. As lavanderias são prédios de construção convencional, dotados de três áreas principais: o setor de serviços de atendimento, copa, passagem de roupa; a área de tanques e; o pátio com área coberta para secagem e “quaragem” de roupas. Há banheiros com vasos sanitários e chuveiros e também uma cozinha com geladeira e micro-ondas. O trabalho nas lavanderias é todo manual, não se empregam máquinas de lavar e secar. As unidades funcionam no horário diurno, das 8h às 18h. A tabela

²⁰³ Em geral, os estabelecimentos de saúde são atualmente postos de saúde da família contando com a equipe do PACS/PSF e em alguns há também o auxílio do núcleo de apoio da saúde da família NASF.

²⁰⁴ O nome das secretarias mudou recentemente, conforme nota acima a antiga SEDES é agora a SJDHDS.

de preços que é elaborada pelas lavadeiras mostra-se bastante econômica, elaborada respeitando a realidade dos bairros populares.

Com o uso, os equipamentos das lavanderias sofrem deterioração. De tempos em tempos, o governo do Estado providencia reformas. Sete lavanderias da rede pública, receberam obras nos anos 2009 e 2010. Outro aspecto que pode ser destacado, é a ameaça da diminuição do espaço com as reformas, como ocorreu com a da Cardeal da Silva, em que foi subtraída uma área para ampliação da “escola do município contígua à ...unidade” (Fonte: SEDES, 2013).

Quanto ao funcionamento dos equipamentos, com todo esforço das lavadeiras para perpetuarem-se nesses lugares e assim conseguir complementar a renda familiar, a clientela assídua da lavagem manual vem diminuindo dia-a-dia. O número de clientes a minguar significa menos trouxas de roupas e mais expectativa por parte dos sujeitos da pesquisa. Nos dias de hoje, os tempos acelerados mostram-se incoerentes com a infra-estrutura e modo de trabalho das lavanderias. O ritmo do trabalho manual depende do clima, entre outras coisas, para a secagem. Assim, a natureza é um componente forte a reger a produtividade, limitando a data da entrega das roupas. Os acordos entre as lavadeiras e a clientela têm que ser maleáveis, mas nem sempre isso é possível, e os interessados acabam se ausentando, circunstância típica no mundo contemporâneo.

4. Perfil sócio-antropológico das lavadeiras

A pesquisa se desdobra em um contexto atual em que o tipo de atividade das lavadeiras artesanais está em franca diminuição. Nessa situação, há uma memória coletiva que não desapareceu, porque deriva de um passado recente. As atividades se mantêm devido ao fato que as condições de desigualdade social em metrópoles como Salvador ainda são muito agudas e as lavanderias artesanais, em tanque e com sabão em barra, ainda permanecem ativas. As lavanderias estaduais foram uma conquista da luta de mulheres, cuja memória ainda está viva. No entanto,

essa bagagem tem uma visibilidade reduzida e a atividade está ameaçada politicamente de desaparecer do espaço público.

Sendo a memória aqui entendida como uma construção social e levando em conta a assimetria em que a cultura destas lavanderias estaduais está gravemente ameaçada, parece indispensável procurarmos conhecer o perfil do grupo de pessoas que constituem os sujeitos da pesquisa. Algumas informações sobre sete das dez lavadeiras do Alto das Pombas passam a ser referidas a seguir.

A pesquisa foi conduzida tendo como grupo focal um conjunto muito especial de mulheres. A idade das sete lavadeiras do grupo focal varia de 41 a 68 anos. A maioria nasceu na Bahia, sendo que duas vieram de Sergipe. Dentre as que são naturais da Bahia, duas nasceram em Salvador e as outras no interior do estado. As lavadeiras se sentem fortemente ligadas ao bairro, duas delas porque ali nasceram e, as demais, por terem chegando no lugar em sua juventude, com idade variando entre 1 e 18 anos.

Algumas dessas mulheres começaram as atividades de lavadeira desde a primeira infância, junto à mãe. Há apenas um caso em que a lavadeira ingressou recentemente na Lavanderia Nossa Senhora de Fátima, ou seja há cerca de dois anos. Essa pessoa entrou na lavadeira do Alto das Pombas, com 56 anos, mas relatou que exerce a profissão desde os 16 anos de idade.

Conforme os dados coletados nas entrevistas com as sete lavadeiras, a formação escolar do grupo de mulheres é variável, mas, em geral, de baixa escolaridade. Duas possuem o segundo grau completo, outras duas, o fundamental incompleto. As lavadeiras letradas utilizam-se da leitura para fins utilitários e referem a ausência do ato de ler em casa por falta de tempo, exceto uma das lavadeiras que se diz leitora voraz de vários gêneros escrito como: livros, revistas e jornais. Mas duas são analfabetas e uma meramente alfabetizada. Saber ler e escrever é considerado uma dádiva, pois foi assim que uma das lavadeiras exibiu com muito orgulho, para os integrantes da pesquisa, uma afetuosa carta que lhe chegara de familiares do interior do estado.

Quanto a ter exercido outra profissão além de lavadeira, os relatos indicam que todas já trabalharam em diversos lugares e funções, tais como atuar como recepcionista, domésticas e auxiliares de serviços gerais. As duas lavadeiras não alfabetizadas foram empregadas domésticas e referem à atividade realizada desde a infância quando por falta de condições a família “as deu” para uma outra família “tomar conta” com a promessa aos pais de as colocarem na escola, requisito que nunca ocorreu.

Uma dessas lavadeiras explicou que: “eu é que nunca nem vi a cara desta escola... só fazia era trabalhar... ou colocou na escola nada... fiquei é tomando conta do menino e da mãe dela a veia que era cega...”. Na casa onde essa lavadeira trabalhou ela diz ter sido “escrava” pois passava o dia todo tomando conta de menino, lavando, cozinhando sem direito de brincar, namorar e sair no fim de semana, não tinha notícias de seus familiares. As duas relatam que tiveram de fugir da casa onde trabalhavam, visto que a patroa não autorizava a saída. O relato dessas duas lavadeiras têm muitos pontos em comum pois viveram, cada uma a seu modo uma situação altamente constrangedora. Quando desde criança sob a guarda de uma outra família trabalhavam, basicamente, para terem o direito de comerem e local para dormir, o salário era praticamente inexistente e mesmo irregular. As duas passaram um período de entre cinco a dez anos nestas precárias condições de opressão até conseguirem sozinhas compreenderem o estado de dominação que estavam submetidas. Estas lavadeiras dizem jamais voltar à condição de empregadas domésticas pois ficaram traumatizadas com as situações vividas. Contudo, duas outras lavadeiras trabalham em casa de família fazendo faxina ou lavando e passando para somar o recurso do mês.

Uma das lavadeiras do grupo testemunhou exclusividade na atuação como lavadeira para não ficar em casa onde estava pressionada por problemas domésticos. Essa mulher que tinha um marido agressivo e alcoolista, que não a deixava sair de casa, conciliava os cuidados do lar com a lavagem de roupa “para fora”, ou “de ganho”.

O quadro obtido a partir de entrevistas configura para as lavadeiras, uma situação clara de subalternidade, o que, por si só, coloca uma problemática a respeito da pretensão acadêmica de representar os saberes periféricos (OLIVEIRA et al., 2014). Essa condição fica ainda mais marcada quando se constata a passagem da atividade de mãe para filha, tal como se evidencia em três casos de mulheres que são filhas de lavadeira, e que, ademais, foram as que passaram a lavar roupa desde a idade mais jovem.

5. Relatos das lavadeiras e moradores do Alto das Pombas

A bibliografia disponível sobre as lutas dos bairros populares de Salvador indica que o direito à moradia foi alcançado de modo aguerrido a partir dos anos 1970. O Alto das Pombas e o bairro vizinho, o Calabar, possuíram associação de moradores cuja organização enfrentou corporalmente os poderes do mercado imobiliário e as ameaças do poder público. Conceição (1984) relatou, de dentro desse movimento, as intensas lutas pela resistência dos moradores na área valorizada do centro da cidade, “para assegurar nossa permanência no local em definitivo, com o direito passando aos nossos descendentes”. As associações de moradores, juntamente, com diversas instituições da sociedade civil fizeram um forte “trabalho de conscientização junto à população” (Conceição, 1984, p.153) para reivindicar melhorias para o bairro.

Em depoimento, moradora que vive no Alto das Pombas há 76 anos, relata as dificuldades da vida urbana enfrentadas pelas lavadeiras de outrora:

Antes era o chafariz na rua, as pessoas entravam prá encher os baldes na torneira, a água era limpa vinha da Embasa mesmo. Tinha uma bica lá em baixo, perto da baixada de São Lazaro, as mulheres iam lavar roupa e as crianças tomavam banho, era a bica do “vai quem quer”. Foi o nome que apelidaram, pois só ia lá quem queria, porque era uma ladeira imensa.... Era uma dificuldade, todo mundo descia prá lavar lá na fonte, aí pediram pra o governo fazer a lavanderia (M.B.C., 86 anos).

Como se nota nesse trecho de entrevista, o Alto das Pombas era muito carente do ponto de vista do saneamento básico, possuindo um sistema viário

precário, apesar do bairro ser bem comunicado com o centro urbano. Conforme a fala de uma das lavadeiras:

[...] antigamente aqui nessa praça (aponta para praça em frente à lavanderia) tinha um chafariz. Eu já carreguei muita água pra lavar roupa em casa, era balde e mais balde, dava muito trabalho... Tinha água encanada, mas faltava direto e lá no chafariz não faltava. Nessa época aqui era bem diferente. Ali onde fica aquela caixa de lixo, era um coreto. Lá na frente onde é o velório era um arco que os carros passavam por ali [...] era um bocado de casa velha. E ali em baixo tinha um caminho cheio de mato, era uma ribanceira cheia de mato. O povo que não queria ir lá por cima, que era muito apertado, quando os carros vinham, aí passava por baixo. (M.L S, Entrevista em 25/03/15)

Neste relato, comparece o depoimento sobre os fluxos de atividade e de circulação no Alto das Pombas. Apesar da carência de recursos, na memória dessa lavadeira o local já era bastante movimentado. Quando perguntada sobre as principais mudanças que ocorreram no bairro, uma outra lavadeira respondeu que foi “o asfalto que colocaram, porque antes era só a metade de asfalto, e o resto era barro. Botou lojas, farmácia, mercado. Porque antes era um só prá tudo. Hoje, se não quiser, [o morador] nem prá avenida Sete precisa ir mais, porque tem tudo aqui. (I.M, entrevista em 10/10/2014.

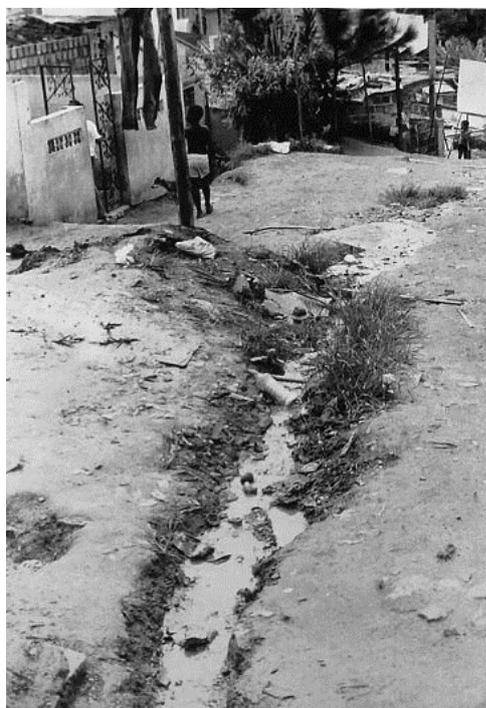


Figura 2 – Esgoto a céu aberto em via do Alto das Pombas.

Foto – Lázaro Torres/Tribuna da Bahia - 23/07/87.

As transformações que ocorreram no bairro nem sempre foram positivas. Muitos depoimentos são eivados de saudades dos bons tempos. Um dos principais problemas que surgiu foi a violência, conforme o depoimento de uma das lavadeiras:

[...] lembro de coisas negativas, a matança, meninos que a gente viu nascer, morrendo por conta do trafico. Quando um lado invadiu o outro de surpresa, e matou um bocado de gente ... uns meninos tudo novinho... Saíam esticando assim pelas escadas, e aquela ruma de sangue.... Aqui está tomado, daqui pra janeiro você vai ver só aqui vai virar toque de recolher, é! Onde você ver caveira desenhada no murro, essas coisas, ai você já sabe que é dos camarões. São duas facções, uma é camarão e a outra é bomba. A marca do camarão é caveira e da bomba é letra. (I.M, entrevista em 10/10/2014).

Quanto ao perigo por que passam os moradores hoje em dia, as práticas apenas recrudesceram uma realidade anterior que também era violenta. As falas das lavadeiras indicam que o bairro sempre sofreu pressões decorrentes dos desequilíbrios sociais e da desigualdade.

6. Resistência cultural: mantendo o trabalho coletivo na lavanderia

As transformações ocorridas nos contextos da pobreza urbana, correlatas a processos estruturais de crescimento de Salvador, foram acompanhadas pelo posicionamento de certas agências e entidades, como é o caso da Lavanderia Nossa Sa. De Fátima. Esse equipamento comunitário, além de ocupar um espaço de destaque, com ótima localização no bairro, juntamente com o posto de saúde e a escola, ganha relativa centralidade devido às atividades e serviços ali desenvolvidos.

O bairro do Alto das Pombas e suas associações que participam do movimento social, juntamente com as dos moradores do Calabar, embora não tenham composto um movimento isolado na cidade de Salvador, foram muito expressivos em sua combatividade, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Numa metrópole desigual, em que foram forçadas diversas remoções de

assentamentos, designados pelo estigma de “invasão”, na Barra, Ondina e Rio Vermelho, os bairros populares resistem bravamente.

Ao analisar a formação de uma "identidade" do bairro para seus moradores e para a população, é relevante confrontar as opiniões da população em geral, com as veiculadas na imprensa. Conforme a pesquisa de Hita e Duccini (2007) as opiniões conformam a imagem que os "outros" têm sobre o morador do local, constituindo a "mediação" simbólica entre o bairro e seu entorno, a cidade. Os bairros populares resistem e ganham uma força moral, principalmente, através de suas organizações e entidades.

As lavadeiras participaram das lutas do bairro ao longo das últimas décadas mantendo relações com o poder público e com outras entidades internas do assentamento, como é o caso do referido grupo de mulheres militantes, o GRUMAP (Grupo de Mulheres do Alto das Pombas). Em alguns momentos da história recente, as lavadeiras estiveram articuladas a nível municipal, denotando uma força político-social, mas em outros momentos, como o de agora, esse arco associativo praticamente inexistente. Aqui vale relatar que por intermédio da pesquisa, foi realizada uma reunião, solicitada pelas lavadeiras do Alto das Pombas, com as trabalhadoras de outras lavanderias de Salvador, contando com a presença da Sedes, em 29 de novembro de 2014. Esse foi um evento que exibiu um laço importante na busca das lavadeiras por um processo de consolidação da política pública das lavanderias comunitárias e garantia do exercício de sua atividade.



Figura 3 – Aspectos internos da Lavanderia no Alto das Pombas
Fotos - Francisco Antônio Zorzo e Renata Dourado (2015)

Nesse sentido, a lavanderia tornou-se um espaço público que mantém a memória da comunidade e configura mecanismos de resistência sócio-cultural. Um exemplo atual desse processo de lutas, foram as reivindicações do grupo de trabalhadoras desencadeadas por causa do container de lixo posicionado pela Prefeitura Municipal de Salvador, em frente à porta da sua lavanderia.²⁰⁵ As lavadeiras ficaram muito incomodadas com o mau cheiro e a proliferação de resíduos e chorume causada por esse enorme container da prefeitura. Elas fizeram diversas reuniões no bairro e no local, além de dar depoimentos aos jornais solicitando solução para o problema. Contudo o problema vem persistindo ao longo do ano de 2015.

As lavanderias artesanais, com lavagem manual em tanque, são cenários que contradizem o mundo contemporâneo de prestação de serviços industriais e automatizados. As lavanderias artesanais de Salvador sofrem com a precariedade do trabalho e, em grau variável, estão propensas à se extinguir. As lavanderias mais vulneráveis são as mais distantes do centro da cidade, devido à redução do número de clientes.

²⁰⁵ Ver sobre isso o vídeo “Quem vai sofrer com uma caixa de lixo na porta?”, dirigido por Leda Maria Bazzo e editado por Renata Dourado, cujo link é < <https://youtu.be/fFbWy71g-18>>



Figura 4 – Container de resíduos na frente da Lavanderia N. Sa. de Fátima
Fotos - Francisco Antônio Zorzo (2015)

Ainda que, na lavanderia do Alto das Pombas, as lavadeiras tenham clientes regulares, criando intenso movimento na vida dessas mulheres trabalhadoras, de segunda a sábado, a disponibilidade do espaço inquieta uma parte população do bairro. Alguns moradores atribuem inutilidade ao espaço e as próprias lavadeiras temem a reivindicação da posse pelas autoridades, para aumentar o posto de saúde ou da escola municipal ao lado da lavanderia. A lavanderia tem sido alvo de alguns problemas, como visto acima, em frente ao seu próprio local de trabalho foi escolhido o ponto para acolher o contêiner de lixo do bairro.

Felizmente, há uma outra opinião da comunidade favorável à permanência da lavanderia. Em várias reuniões os moradores do Alto das Pombas, que sofrem com a ausência de espaço público ou infra-estrutura adequada do bairro a atender o grande contingente populacional, citam a lavanderia como local privilegiado para resoluções dos problemas. Apesar dos acirrados motivos de disputa de espaço, a lavanderia é a área privilegiada e disparadora de ideias para melhorar as condições urbanas dos moradores da região.

É preciso lembrar a dificuldade de compreensão da maioria dos moradores ao não entenderem o trabalho das lavadeiras, que sofrem com isso ausência de legitimação deste espaço de trabalho. As lavadeiras têm de realizar labor extra ao

lutarem pela manutenção do espaço físico e provarem a importância de manterem-se no local para o sustento de seus lares.

Parece ser mesmo uma luta interminável das lavadeiras resistirem e mostrar sua importância social como um legado. É como uma sina, sob as quais sobrevivem ao forte preconceito quando não reconhecida a autenticidade do trabalho por outros moradores do bairro. O que motiva essas mulheres a conceituarem sua vida como luta, comparece em suas falas quando dizem: “ é uma guerra, irmã ... Uma guerra! ... mas eu hei de vencer... quem tá na luta é prá ganhar!”. Elas se responsabilizam pelas despesas familiares, comprovando a importância de manutenção da lavanderia, ainda que sob condições adversas e mal interpretadas.

Cumprindo tais desígnios, a lavanderia atende suas incumbências político-sociais. Desse modo, através da lavanderia a memória comunitária é construída e defendida, parecendo seguir o que admitiu Pierre Nora (1993): “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais. É por isso que a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados, nada mais faz do que levantar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória.”

7. Considerações finais

O propósito deste texto é o de apresentar elementos da formação do Alto das Pombas e da memória da Lavanderia Nossa Senhora de Fátima. Convém lembrar, seguindo os estudos de Halbwachs (1990), que a memória não é só um fenômeno de interiorização individual, ela é aqui entendida, sobretudo, como uma construção social. A memória é edificada coletivamente, podendo ser retomada e reelaborada por meio de relatos das transformações ocorridas no contexto de formação urbana e da relação da sociedade com o Estado.

A memória sempre está sendo recuperada, a partir de informações e depoimentos que tratam da emergência de determinados atores e lutas sociais. Exemplo disso são os atos coletivos em que se desenvolveram formas de ação por meio das associações de moradores, que tiveram relevância e êxito nas mobilizações do bairro, na sua luta por direitos sociais e melhoria das condições de vida da comunidade. Pode-se considerar, de um modo inequívoco, que a luta das lavadeiras estudadas por espaço sócio-cultural é uma forma de resistência, que se pauta até hoje no acontecimento da conquista do direito de trabalho que transcorre desde meados do século XX.

O sentido deste relato não era o de fazer um panorama o mais completo possível da ocupação do Alto das Pombas. O propósito era bem mais simples, o de mostrar elementos de uma pesquisa em andamento sobre a história do Alto das Pombas, expondo alguns fatos relativos à memória de um grupo de lavadeiras.

Dos resultados alcançados pela pesquisa, um dos principais frutos que foi obtido veio indicar como a memória da lavanderia está sendo passada e reconstruída geração a geração, desde meados do Século XX. A memória coletiva carrega uma série de acontecimentos pretéritos, incluindo os de dor, que vem do período anterior, não podendo ser esquecida a fase da escravidão e das atividades de ganho, como era designada a ocupação das lavadeiras em Salvador. Através das atividades da lavanderia um grupo de mulheres resiste e insiste no seu modo de levar a vida, transformando aquele equipamento público em lugar da memória e mecanismo de resistência sócio-cultural.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Inaiá M. e PEREIRA, G.C. (orgs.). **Como anda Salvador e sua região metropolitana**. 2ª. Ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

CONCEIÇÃO, Fernando. **Cala Boca Calabar**. Salvador: Ed. do Autor. 1984.

DIAS, Maria Odila L. da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GORDILHO de SOUZA, A. (1990). **Invasões e intervenções públicas: uma política de atribuição espacial em Salvador, 1946-1989**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Ippur/UFRJ.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HITA, Maria Gabriela e DUCCINI, Luciana. Da Guerra à Paz: o nascimento de um ator social no contexto da "nova pobreza" urbana em Salvador/Bahia. **Caderno. CRH**. Vol.20 no.50 Salvador May/Aug. 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Revista Projeto História. São Paulo (10) Dez 1993.

NUNES NETO, Francisco A. **A Condição Social das Lavadeiras em Salvador (1930-1939) quando a História e a Literatura se Encontram**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em História Social, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, 2005.

OLIVEIRA, Marinize Prates et al. **Cartografias da Subalternidade**. Salvador: EDUFBA, 2014.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SOUZA, Jamille. Co-ativando processos no território criativo do Alto das Pombas – Salvador/BA. Revista **NAU Social** - v.4, n.6, p. 34-59 Maio/Out 2013.

ZORZO, Francisco Antônio. **As práticas de Controle do Espaço em um assentamento Intra-urbano: Pedra da Sereia – Salvador – Bahia**. 1993. (Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo/UFBA).

Consulta em site: <http://www.bv2dejulho.ba.gov.br/portal/index.php/edicoes-especiais/110-verbete-balbino.html>.